

Solo impermeável cresce 11% em 33 anos em SP

Extensão de locais urbanizados e sem áreas verdes que favorecem escoamento de água aumentou 86% no estado

12.fev.2020 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/02/12/>)

Emilio Sant'Anna (<https://www1.folha.uol.com.br/autores/emilio-santanna.shtml>)

SÃO PAULO Em pouco mais de 30 anos, entre 1985 e 2018, a mancha urbana da cidade de São Paulo passou de 793,2 km² para 878,6 km², crescimento de 11%. Isso representa 57% do território paulistano, ante os 52% de meados da década de 1980.

Os dados são do Projeto de Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo no Brasil (MapBiomas), uma rede colaborativa formada por ONGs, universidades e empresas de tecnologia, e apontam para um fato diretamente relacionado ao problema que a capital enfrentou na segunda-feira (10): enchentes que paralisam a vida urbana e travam

(<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/temporal-provoca-alagamentos-e-quedas-de-arvores-em-sao-paulo.shtml>) a atividade econômica.

De acordo com a classificação usada pelo MapBiomas, essa mancha é classificada como áreas urbanizadas, com predomínio de superfícies não vegetadas, incluindo estradas, vias e construções. Ou seja, locais de menor ou nenhuma permeabilidade para a chuva penetrar no solo e atingir os lençóis freáticos.

O movimento se repetiu em diferentes níveis em cidades da Grande São Paulo e no estado, no mesmo período.

Em algumas delas que também sofreram os efeitos da chuva nesta semana, como Osasco, que entrou em estado de calamidade

(<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/chuva-e-deslizamento-de-terra-deixam-desabrigados-em-osasco.shtml>),

esse crescimento das áreas urbanizadas foi próximo ao da capital: 12%.

Na segunda, um deslizamento deixou famílias desabrigadas e um menino de sete anos teve uma parada cardíaca após ser soterrado. Socorrido, ele permanecia em estado grave até esta terça.



Forte chuva provoca deslizamento de terra no Morro do Socó, em Osasco, na Grande São Paulo - Matheus Moreira - 10.fev.2020/Folhapress

Em Carapicuíba, que decretou estado de emergência, o aumento de áreas urbanizadas no período foi de 38%.

Em todo o estado de São Paulo, as áreas com infraestrutura urbana quase dobraram — cresceram 86% entre 1985 e 2018, o período analisado pelo MapBiomias.

Para Marcos Rosa, coordenador técnico do projeto, nada indica que algo possa mudar nesse processo de crescimento desorganizado que historicamente desconsidera a manutenção de áreas permeáveis.

Os efeitos são conhecidos da população: assoreamento dos cursos de água e transbordamentos em época de chuvas. “Essa mancha vai continuar crescendo, agora em direção a Campinas e Sorocaba”, diz Rosa.

Reforça sua percepção a falta de ações coordenadas entre as cidades. Em maio do ano passado, a Assembleia Legislativa aprovou projeto de lei da gestão João Doria (PSDB) de desestatização que extinguiu a

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/governo-doria-abre-mao-de-extinguir-dersa-e-destrava-projeto-para-enxugar-estatais.shtml>) Emplasa (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/governo-doria-abre-mao-de-extinguir-dersa-e-destrava-projeto-para-enxugar-estatais.shtml>) (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano).

A estatal era responsável, entre outros pontos, por planejar o uso e ocupação do solo no estado.

Sua área de atuação incluía as regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas, Vale do Paraíba e litoral norte, Baixada Santista, Sorocaba e Ribeirão Preto e as aglomerações urbanas de Jundiaí, Piracicaba e Franca. Nessas áreas estão 216 municípios e quase 36 milhões de habitantes.

O problema vai além. “Todos os modelos de mudança climática mostram que vamos enfrentar cada vez mais eventos extremos [como a maior frequência de chuvas acima da média]. Vamos continuar crescendo e sem planejamento”, afirma o coordenador técnico do MapBiomas.

Mesmo para os descrentes nos efeitos das mudanças climáticas, a capital paulista tem um desafio enorme a cada verão. As características geográficas e o histórico de ocupação do solo na cidade potencializam os efeitos da chuva.

“No passado, tivemos a ocupação da várzea dos rios. Depois, o crescimento da cidade para as bordas, levando a população mais pobre para longe e aumentando os deslocamentos. Ao norte temos a Serra da Cantareira e ao

sul os reservatórios de água [Billings e Guarapiranga], áreas que tiveram um intenso crescimento populacional que levou também à maior impermeabilização do solo”, diz Rosa.

Além de a borda dessas represas ter crescido de forma desorganizada, com conseqüente poluição da água, em dias como a última segunda-feira a chuva leva ainda mais sujeira para esses locais.

Como a **Folha** mostrou, é para a Billings que vão as águas do Pinheiros e do Tietê (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/sp-despeja-pinheiros-e-tiete-na-billings-para-evitar-enchentes.shtml>) quando os dois rios estão com volumes preocupantes.

Rosa lembra as inúmeras comprovações científicas dos efeitos da urbanização desorganizada e de fatores que ocorrem bem longe das cidades, mas que têm efeitos diretos sobre elas e como isso vem sendo ignorado.

“Se você queima a Amazônia, isso tem efeitos aqui no [regime de chuvas do] Sudeste. Estamos vivendo uma época em que se combate o conhecimento e se tem orgulho da ignorância”, diz.

COM OBRAS ATRASADAS, PREVENÇÃO CONTRA ENCHENTES É FALHA

Termômetro do planejamento urbano de São Paulo em diferentes gestões municipais, a cidade tem 17 grandes obras de drenagem (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/maioria-de-grandes-obras-contras-enchente-em-sao-paulo-esta-atrasada.shtml>) pendentes.

O atraso é atribuído a motivos que vão de problemas burocráticos aos efeitos da crise econômica que atingiu o país.

A bacia do Aricanduva é a que tem mais obras de drenagem pendentes: cinco.

Atrás, vêm as bacias do córrego Paciência (zona norte) e do riacho do Ipiranga (zona sul), com quatro cada.

Há ainda obras em curso nas regiões dos córregos Zavuvus (zona sul) e Anhanguera (centro).

De acordo com levantamento feito pela **Folha**, em 2019, a cidade de São Paulo e o estado orçaram cerca de R\$ 5,3 bilhões para ações relacionadas a drenagem (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/sp-gasta-menos-da-metade-do-orcamento-contr-enchentes.shtml>) entre os anos de 2016 e 2018. No entanto, gastaram apenas R\$ 2,1 bilhões, o equivalente a 41% do previsto.

Reportagem de O Estado de S. Paulo apontou que, nos últimos cinco anos, a prefeitura deixou de gastar R\$ 2,7 bilhões em obras contra enchentes na cidade.

Entre 2015 e 2019, as gestões de Fernando Haddad (PT), João Doria (PSDB) e Bruno Covas (PSDB) previram R\$ 3,8 bilhões em obras de melhoria em córregos, mas apenas R\$ 1,1 bilhão foi de fato investido em ações do tipo.

sua assinatura pode valer ainda mais

Você já conhece as vantagens de ser assinante da Folha? Além de ter acesso a reportagens e colunas, você conta com newsletters exclusivas ([conheça aqui](https://login.folha.com.br/newsletter) (<https://login.folha.com.br/newsletter>)). Também pode baixar nosso aplicativo gratuito na [Apple Store](https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711) (<https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711>) ou na [Google Play](https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR) (https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR) para receber alertas das principais notícias do dia. A sua assinatura nos ajuda a fazer um jornalismo independente e de qualidade. Obrigado!

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/solo-impermeavel-cresce-11-em-33-anos-em-sp.shtml>